



### **Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Letrux**

Olá gente, aqui quem está falando é a Letícia Novaes, a Letrux. Passei um dia maravilhoso aqui no projeto ASA, ouvi mulheres maravilhosas falando sobre suas experiências, suas conquistas, derrotas, suas manias, maneiras, dinâmicas... É muito bom né a gente perceber que a gente não tá sozinha; que tem tanta menina junta sofrendo, vivendo, celebrando com a gente. Eu sou compositora acho que há 15 anos, pode-se dizer assim porque antes se eu fiz uma música na infância não conta exatamente, mas profissionalmente, ano que vem faz 15 anos que eu faço show, que eu “trampo” com música... Faz pouco tempo que eu ganho dinheiro com música, mas há 15 anos eu faço show. Cheguei a fazer Faculdade de Letras mas não me formei. Achei um ambiente pouco mais duro para o tipo de sensibilidade que eu estava procurando, aí fui fazer teatro. Depois fiz aula de canto, piano, estudei violão sozinha e em uma hora a música me sequestrou de uma maneira mais forte. Já fiz uns filmes e seriados, ainda de vez em quando exercito minha porção atriz, mas é a música o que eu faço. Eu amo ser cantora, amo compor, amo fazer show. Fiz três discos com a minha outra banda “Letuce” e há dois anos e meio lancei um disco que mudou minha vida que é o meu primeiro trabalho solo, o “Letrux em Noite de Climão”. Esse disco realmente me catapultou muito mais do Brasil todo e fico muito honrada com isso.

Eu tenho orgulho de todos os trabalhos que eu fiz né, mesmo primeiro disco de “Letuce”, que eu não consigo ouvir por ter vergonha da minha voz, eu tenho muito orgulho de ter feito. Fui muito fiel à minha emoção naquele momento. Eu fui muito sincera, muito emotiva. Então eu não consigo ouvir, mas eu tenho muito orgulho. A gente tem uma tendência a gostar do nosso último trabalho porque a gente vai evoluindo né? Até questiono quem prefere um trabalho mais antigo e falo “ué, mas você não evoluiu?”. Eu amo os meus trabalhos e sou muito orgulhosa deles, mas a gente sempre tende a gostar mais do último porque a gente acha que vai evoluindo, né? Então acaba que o “Em noite de climão” acho que eu estava mais ciente do meu poder vocal, do meu poder de compositora. Então é um trabalho que eu prefiro.

Eu fiz algumas parcerias. O “Em noite de climão” tem várias músicas que eu faço em parceria com amigos. Acho que a melhor coisa é trabalhar com amigos, né? Eu sei que tem muita gente que me manda música e fala “aí eu sonhei com você cantando essa música”. Mas eu sou muito autoral, então eu preciso fazer parte da composição da música para estar num disco meu, sabe? Agradeço a todo mundo que me manda suas composições, mas eu

sou uma artista muito autoral. Então a maioria das músicas que eu fiz em colab foram com pessoas que eu amo e com quem eu convivo; gente que eu conheço, que eu vi bêbada, que eu já segurei cabeça para vomitar, sei lá, preciso de um nível de intimidade para trabalhar com alguém. Isso pode mudar, sem dúvida, mas eu acho que eu preciso de algum nível de proximidade para fazer uma colab. Acho maravilhoso se você se identifica com alguém, se você curte o som de alguém, vai lá! Manda um e-mail, troca essa ideia! Tudo pode acontecer, né? Ter coragem do primeiro passo é muito válido.

Eu sou muito dada a me apaixonar pelo equívoco, pelo erro, pelo tropeção. Acho que a gente vive numa sociedade muito dos campeões; da vitória; do sei lá o quê. Isso é um perigo, né? Essa geração dessas crianças que batem fotos "selfie" e aí quando sai feia deleta... isso é um absurdo, porque a gente cresceu olhando nossas fotos feias, né? E isso é muito importante, né? O avesso, o torto... Se você só salvar as fotos bonitas, que mundo é esse, né? Então eu errei muito na minha trajetória ainda erro, ainda cometo gafes, ainda tropeço, ainda me equivoco, mas o erro te dá o chão. O erro é o chão. Quando você cai no chão, tem um outro ponto de vista. Você não está enxergando as coisas mais do alto; está enxergando de baixo. Então você fala "olha essa visão". E você aprende muito com o erro. Se você não aprender, também... Nossa, desperta! O erro precisa ensinar. Se você errar de novo aí já é um caso complicado. Então eu sou muito do erro. Acho que todas as coisas que eu me equivoquei trouxeram algum símbolo; alguma aprendizagem; alguma importância para que eu continuasse no outro caminho, no outro atalho, numa outra trajetória. Então eu sou muito grata ao erro.

É muito difícil concluir um trabalho, porque você sempre acha que pode ficar mixando, mexendo até o infinito. Quando a gente fechou o "Noite de climão", depois ouvindo a gente ficou "ai que arrependimento.. Podia ter feito assim, podia ter feito mais isso..." O que me deixa feliz é que eu sei que todo músico passa por isso. Todo mundo fala isso. Não tem ninguém que fale "eu acho que eu fiz um disco [perfeito]". Não tem. Todo mundo que gosta de trabalhar com música pensa que poderia ter melhorado, mexido, mas é uma coisa mística também. Uma hora você sonha, outra hora você fala "deu, foi, tem que ser agora, é o timing". É o famoso lançar pro universo, porque se eu quiser continuo mexendo até o resto do ano, mas deu, tô aqui batendo cabeça... Então tem que deixar também um pouco de mistério no ar pro mistério tomar conta disso.

Eu acho que... o ócio pra mim é criativo. Eu não consigo pensar que o nada para fazer é nada. Eu sou uma pessoas mais agitada. Tento ser calma, mas mesmo quando eu estou calma, estou lendo e minha cabeça está funcionando. Mesmo quando eu estou deitada na cama, estou vendo que o movimento das cortinas faz um movimento que poderia ter no cenário do meu show, sabe? A minha cabeça não para, então eu sou muito do ócio, adoro contemplar... Tenho uma lua em Touro que é uma lua preguiçosa, mas a cabeça não para. Eu sou muito voyeur, então fico observando na rua, na casa das pessoas, em uma viagem... vai para o meu caderninho de anotações de vida de sonhos. Sou muito anotadora das coisas que estão ao meu redor. Tem uma frase que é do Picasso que ele fala "que a inspiração me pegue trabalhando". Então, eu sou muito da inspiração, mas sou muito do trabalho também. Eu não dou mole assim para ir numa praia e depois da praia eu vou compor. É lindo pensar que a vida seria fácil assim, né, mas não é. Às vezes você vai para o sítio compor e não sai uma música. Então eu estou sempre em um constante movimento de observação. Eu quase não ouço música quando eu saio porque eu preciso disso; eu preciso observar a vida, ouvir o que as pessoas estão falando na rua, porque isso me inspira a compor uma letra. Se eu ficar fechada no meu mundo ouvindo uma música, eu não sei, me fecha, né. Claro, tem gente que não precisava de inspiração dos outros da rua para compor. No meu caso, eu preciso disso; de estar atenta aos sinais, com as anteninhas ligadas e observando as ruas, o mundo, o movimento, para eu compor.

Eu posso ser muito caótica do tipo: tenho um caderninho com umas letras, tenho o celular com várias melodias, tenho um violão, tenho um piano... e uma hora eu junto essas quatro coisas e componho. Ou eu posso ser muito organizada e do nada em sento e sai uma música inteira. Então, não tem exatamente um processo definido e fechado. Tudo pode acontecer. Mas, uma coisa que eu falei também na palestra, né, por assim dizer, é uma frase muito bonita que quando eu fui fazer teatro – sou formada em teatro e acho que sou a cantora que sou porque sou formada em teatro – o meu professor maravilhoso Renato Icarahy... porque você entra na aula de teatro muito se achando, “eu sou engraçado”, “eu sou isso”, “eu sou aquilo”, e o Renato olhou para todo mundo e falou assim “só daqui a 10 anos vocês vão fazer algo consistente”. Nossa, aquilo foi um balde de água fria tão importante que a gente falou “nossa, a vida não é ter 20 anos e achar que você é o máximo”. A gente não era o máximo. A gente era um bando de zigoto crescendo, evoluindo, descobrindo coisas. Então, quando ele falou aquilo, não estava sendo cruel. Ele estava sendo verdadeiro. E realmente demorou uns 10 anos para eu elaborar, elocubrar, crescer, desenvolver, a ideia da artista que eu queria ser. Então, se você é uma pessoa nova, tá agoniada, quer fazer acontecer, desculpa. Não vai ser agora, tá? Calma, respira, aproveita. Eu sei que é difícil ser artista e pagar as contas e às vezes... eu tive muito privilégio, eu sei disso. Morei na casa dos meus pais até bem tarde, então eu pude desenvolver minhas atividades artísticas porque eu não tinha conta para pagar. Se você tem esse privilégio, aproveite isso e se você não tem, boa sorte para conciliar ter um emprego que pague contas e desenvolver o seu trabalho artístico, porque não deve ser fácil e reconheço que realmente eu tive toda essa sorte, esse privilégio para fazer as coisas que eu fiz por conta de papai e mamãe.

Acho que uma dica que eu posso dar para uma mina que está começando sua carreira musical; minha dica mais sincera, porque assim... você vai receber tantas dicas... “faz um clipe assim”, “tenha uma rede social assim”, “faz isso, faz aquilo”... Vão te dar muitas dicas. “Produz uma faixa pop”... E minha melhor dica acho que é siga seu instinto. A gente nasceu nesse mundo e tem nossas conexões com o universo que caramba, é difícil, né? Tudo bem, seja parceira de outras mulheres, ouça outras mulheres te darem dicas, porque é importante essa troca. Mas uma hora também respira fundo, medita e fala: “o que eu tenho que fazer?” Eu sempre acredito muito na intuição das mulheres, na minha intuição. Respeite a sua intuição. Acho que essa é a melhor dica que eu posso dar.